

BOLETIM DO PORTAL HISTÓRIA DA PSICOLOGIA 2

ORGANIZADORES

ANDRÉ ELIAS MORELLI RIBEIRO

GUNTHER MAFRA GUIMARÃES

MARCUS VINÍCIUS DO AMARAL GAMA SANTOS

YURI PEREIRA ANTUNES VIEIRA

ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA

LUIZ EDUARDO PRADO DA FONSECA



Organização:

André Elias Morelli Ribeiro

Gunther Mafra Guimarães

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Yuri Pereira Antunes Vieira

Arthur Arruda Leal Ferreira

Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Boletim do Portal História da Psicologia 2

Editora do Portal História da Psicologia

Rio das Ostras/RJ

2023

Editora do Portal História da Psicologia

A editora do Portal História da Psicologia é parte integrante do
Portal História da Psicologia

COORDENAÇÃO

André Elias Morelli Ribeiro

CONSELHO EDITORIAL

André Elias Morelli Ribeiro

Arthur Arruda Leal Ferreira

Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Yuri Pereira Antunes Vieira

Gunther Mafra Guimarães

© 2023

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora do Portal História da Psicologia

Equipe de realização

Editor Responsável: André Elias Morelli Ribeiro

Revisão final: Gunther Mafra Guimarães

Capa: André Elias Morelli Ribeiro, com imagens geradas pelo Microsoft Designer AI

Projeto gráfico e diagramação: André Elias Morelli Ribeiro

Ficha Catalográfica

B688

Boletim do Portal História da Psicologia 2 [recurso eletrônico] / Organização: André Elias Morelli Ribeiro... [et al.]. – Rio das Ostras, RJ : Editora do Portal História da Psicologia, 2023. 325p.

ISBN: 978-65-997325-2-2

DOI: 10.5281/zenodo.8392599

1. História da Psicologia. 2. História da Psiquiatria I. Ribeiro, André Elias Morelli.

CDD 150.9

Ficha catalográfica elaborada por Janaine de Sá - CRB-7/7270

Sumário

Apresentação VI

Verbetes

A História da Psicologia no Brasil e suas Relações com o Contexto Sociocultural 16
Manuel Bomfim 80
Antonio Gomes Penna 93
Lacan 136

Artigo original

Vida, Obras e Ideias de Wilhelm Maximilian Wundt 163

Traduções

O Que é uma História Policêntrica da Psicologia? 191
Rumo a uma História Policêntrica da Psicologia 214
Presentismo e Diversidade na História da Psicologia 230

Tradução de Clássico

Definição de idiotia e imbecilidade 258
Comentários ao texto “Definição de idiotia e imbecilidade”, de Binet e Simon 280

Relatos

XV Encontro Clio-Psyché e VI Congresso Brasileiro de História da Psicologia: memórias, reencontros e afetos... 294

Entre a solidão e os encontros nas pesquisas em História dos
Saberes Psi 297

Lista de Autores 317

Contribuições para o Boletim do Portal História da Psicologia 322

Comentários ao Texto “Definição de Idiotia e Imbecilidade”, de Binet e Simon

Regina Helena de Freitas Campos

Carolina Silva Bandeira de Melo

O texto é uma apresentação sobre os conceitos de idiotia e imbecilidade em psiquiatria, feita aos membros da Société Médico-psychologique¹⁵ de Paris na sessão de 22 de fevereiro de 1910. A apresentação foi realizada pelo psicólogo Alfred Binet (1857-1911) e pelo médico psiquiatra Théodore Simon (1873-1961), construtores do primeiro teste de medida objetiva da inteligência, elaborado no Laboratório de Psicologia da Universidade da Sorbonne e no Laboratório de Psicologia Pedagógica da Rua Grange-aux-Belles, em Paris, a partir de observações empíricas e entrevistas clínicas com crianças, e publicado em 1905 (Nicolas, 2004; Nicolas et al, 2013).

A finalidade da apresentação é definir o sentido das denominações de “idiota” e “imbecil”, conceitos presentes na nosologia psiquiátrica da época com referência ao “estado dos

¹⁵ A Société Médico-psychologique (Sociedade Médico-psicológica) foi fundada em Paris e existe sem interrupção desde 1852, com o objetivo de reunir médicos especialistas em doenças mentais, que se denominavam alienistas e que hoje são chamados de psiquiatras. A sociedade é atualmente reconhecida como de utilidade pública e em 2022 completou 170 anos. As apresentações deste evento comemorativo foram publicadas nos *Annales Médico-Psychologiques* (número 10, volume 180, de dezembro de 2022), que é a revista da sociedade. Elas são consideradas a sociedade e a revista mais antigas do mundo na área da psiquiatria. A Société médico-psychologique reuniu os maiores nomes da história da psiquiatria francesa e conta aproximadamente com 600 membros. Para mais informações sugerimos consultar o site da sociedade <https://medicopsy.com> e o número comemorativo da revista.

sujeitos que não possuem inteligência mediana” (Binet & Simon, p. 452). Os autores pretendem responder questões relativas a: 1) qual seria o significado exato dessas denominações; 2) em que medida o “idiota e o “imbecil” seriam diferentes; e 3) como reconhecê-los de forma a que não haja discrepância entre os diagnósticos feitos sobre eles.

Binet e Simon iniciam sua argumentação criticando os métodos diagnósticos disponíveis na sua época. Afirmam que, ao adotar classificações vagas e imprecisas, os alienistas estariam cometendo muitos equívocos. Segundo os autores, os diagnósticos de idiotice e imbecilidade eram muito variáveis entre os diferentes profissionais, e causavam desentendimentos que prejudicavam os pacientes e a reputação dos psiquiatras diante da sociedade e dos tribunais. Num processo, por exemplo, em que um juiz precisaria do diagnóstico do réu, a discordância sobre se ele seria um imbecil ou um idiota, entre os médicos, levaria os juízes a questionarem a autoridade científica dos psiquiatras. Ainda segundo os autores, as classificações existentes sobre os vários estados de deficiência não coincidiam por ora se apoiarem na etiologia médica (relacionando esses estados a doenças físicas ou à anatomia patológica), ora em observações clínicas sobre os graus de retardo. A seu ver, as classificações etiológicas e anatomopatológicas não responderiam adequadamente às questões práticas. As classificações baseadas na observação clínica, por outro lado, ainda pouco precisas, eram dominantes entre os profissionais. No entanto, além de buscar melhorar a objetividade e precisar melhor os critérios das classificações, seria necessário acrescentar outros critérios para efetuar as classificações, considerando por exemplo a adaptação ao

ambiente e os serviços que os “anormais” poderiam prestar à sociedade.

Os indivíduos com atrasos da inteligência eram chamados, na época de Binet e Simon, de anormais, retardados ou simplesmente atrasados, e eram classificados em três categorias básicas conforme o grau de inteligência: idiota, imbecil e débil, com subdivisões. Hoje, tais termos são usados como sinônimos de insultos na linguagem comum, e fala-se mais comumente em deficiência intelectual ou Transtorno do Desenvolvimento Intelectual, dividida em leve, moderada, grave e profunda, independentemente dos fatores causais (Brasil, 2020).

Para melhor fundamentar sua crítica às classificações psiquiátricas então existentes e à imprecisão das definições de anormalidade em que se baseavam, Binet e Simon citam alguns exemplos. Comentam, por exemplo, de maneira irônica, as definições propostas por um tratado da época (**Traité de Régis, 1909**)¹⁶, que adotou a divisão dos deficientes mentais em dois grupos – os idiotas (divididos em classe 1 e classe 2) e os imbecis. Nesse tratado, o principal critério de diferenciação entre os imbecis e os idiotas seria a existência de “uma soma mais ou menos limitada de inteligência”. Para os autores, contudo, esse critério seria pouco preciso, equivalendo a dizer, por exemplo, que o que caracterizaria

¹⁶ Os autores parecem se referir ao *Précis de psychiatrie* escrito pelo médico Emmanuel Régis, professor de psiquiatria na Faculdade de Medicina de Bordeaux e inspetor escolar na mesma cidade da França. O livro parece ter sido editado pela primeira vez em 1885, em Bordeaux, na forma de um “Curso livre de medicina mental”. Edições revistas e ampliadas, com a denominação de *Précis de Psychiatrie*, e publicadas em Paris pela editora O. Doin em 1906, 1914 e 1923 constam da Coleção Gallica da Bibliothéque Nationale de France (www.gallica.bnf.fr).

uma pessoa rica seria a posse de "uma quantia mais ou menos grande de dinheiro", ou seja, uma caracterização bastante indefinida, sem possibilidade de comprovação objetiva. Da mesma maneira, eles criticaram as definições que auxiliavam seus colegas a diferenciar a imbecilidade da idiotice, pois tal distinção se baseava em explicações como: "não ter, por assim dizer, inteligência" para um grupo e "apresentar completa ausência de inteligência" para o outro, expressões cujo significado seria muito semelhante. No entanto, a seu ver, essas imprecisões nas definições dos conceitos poderiam ser superadas mediante o uso de um sistema de classificação mais objetivo (Binet & Simon, 1910, p. 454-455).

Essa é a argumentação central que Binet e Simon utilizaram para convencer o público a adotar os métodos que eles estavam propondo. Eles prometem apresentar um sistema de classificação que não se prestaria a ambiguidades de interpretação, permitindo, após um exame breve, classificar qualquer atraso de inteligência em: idiota, imbecil ou débil, considerando algumas subdivisões dentro desses três grupos principais. O método apresentado consistia em avaliar os sujeitos em três aspectos: na linguagem falada e escrita; no nível intelectual, medido por testes; e nas observação das habilidades de trabalho do sujeito evidenciadas entre os internos em hospitais. De acordo com os autores, os três métodos seriam equivalentes, podendo ser utilizados em conjunto para um exame completo. Afirmam ser melhor julgar o sujeito no conjunto, e não a partir do estudo isolado de uma só função.

A seguir apresentamos as provas propostas para cada domínio, visando a diferenciação entre o idiota, o imbecil, o débil e o normal.

1) Provas de linguagem:

As provas de linguagem são consideradas pelos autores como as mais simples. A proposta é, em primeiro lugar, verificar se o sujeito não tem algum defeito físico ligado ao aparelho fonador. Na ausência de defeitos físicos, seria então necessário observar o sujeito em suas relações sociais, visando verificar se ele é capaz de se comunicar com palavras. Como isto demandaria muito tempo de observação, Binet e Simon propõem então duas pequenas provas relativas ao uso da linguagem oral e escrita. A primeira seria solicitar ao sujeito que aponte um objeto a partir do seu nome. Nesse caso, o experimentador deveria mostrar ao sujeito três objetos (por exemplo uma faca, uma chave e um relógio), e pedir ao sujeito que aponte um deles: “mostre-me o relógio”, a seguir que mostre a faca, e assim por diante. Desse modo, rapidamente se pode observar se o sujeito é capaz de associar a palavra ao objeto que designa. A segunda prova focaliza a capacidade de utilizar a linguagem escrita, seja pedindo ao sujeito que escreva um ditado de cinco palavras, seja que leia um pequeno texto que conte uma história e a reproduza oralmente.

Embora cômodas, essas provas não seriam, contudo, suficientes para o diagnóstico diferencial dos idiotas e dos imbecis, pois não se aplicariam a pessoas com problemas de audição, por exemplo, ou que não soubessem ler.

2) Provas de nível mental:

Com relação a provas de nível mental, Binet e Simon fazem referência aos testes de inteligência que já haviam proposto e

publicado no periódico *L'Année Psychologique* em 1908.¹⁷ Com o auxílio desses testes, baseados nas perguntas típicas respondidas por crianças, escalonadas por idade, declaram que seria possível classificar os sujeitos com retardo mental de acordo com os seguintes critérios:

- o *idiota* apresentaria o nível mental de uma criança de dois anos, ou seja, responderia perguntas possíveis de serem respondidas por crianças dessa idade;
- o *imbecil* apresentaria o nível intelectual de uma criança de dois a sete anos, verificado através de respostas aos testes próprios dessas idades;
- o *débil* apresentaria o nível intelectual de sete anos em diante.

Esses critérios seriam aplicáveis aos adultos que apresentassem retardo mental.

3) Provas de nível hospitalar

Essas provas seriam baseadas em um conjunto de tarefas a serem realizadas pelos internos no hospital:

Os *idiotas* deveriam ser capazes de seguir um objeto com os olhos, pegar um objeto apresentado e obedecer um gesto simples.

Os *imbecis* com nível de 2 a 4 anos deveriam conseguir entrar na instituição, encontrar seu lugar à mesa, comer sozinho, assoar o nariz, despir-se, lavar as mãos, estar limpo, vestir suas roupas, meias e sapatos, abotoar o casaco, arrastar um carrinho de mão ou carregar uma carga.

¹⁷ A referência da publicação é: Binet et Simon. Le développement de l'intelligence chez les enfants. *Année psychologique*, T. XIV, Paris, Masson, 1908.

Os *imbecis* com nível de 4 a 7 anos deveriam ser capazes de varrer, fazer a cama e engraxar os sapatos.

Os *débeis* deveriam conseguir fazer uma bainha, fazer um remendo, pregar um botão, arrumar o cabelo, lavar, passar roupa, fazer pequenas preparações culinárias como sopa de cebola ou ovo frito, trabalhar no jardim e cavar.

Essa comunicação evidencia o esforço de Binet e de Simon em modificar a prática diagnóstica dos atrasos da inteligência utilizada na época. Eles militavam especialmente entre educadores, desenvolvendo um amplo trabalho de difusão das novas medidas da inteligência em escolas e na formação de professores, além da divulgação de suas pesquisas entre os alienistas. Alfred Binet terá essa missão encerrada no ano seguinte, pois faleceu em 18 de outubro de 1911, com 54 anos. Quem irá prosseguir com o trabalho é Théodore Simon, seu colaborador mais importante e seu sucessor natural à frente da Société Libre pour l'Étude Psychologique de l'Énfant, cuja denominação passou a ser *Société Alfred Binet* a partir de 1917, e *Société Alfred Binet et Théodore Simon*, a partir de 1962.

Após a morte de Binet, Théodore Simon continuou a se dedicar ao trabalho de investigação dos atrasos de inteligência. No final da década de 1920, era considerado um dos maiores especialistas franceses na área da deficiência intelectual (Melo & Gutierrez, 2023). À frente da Société Alfred Binet, liderou uma força tarefa para desenvolver vários tipos de testes durante a década de 1920, alguns deles publicados em boletins da Société Alfred Binet e na *Révue Pédagogique*, na França. Graças a esse trabalho coletivo, desenvolvido em escolas francesas e na colônia de crianças de

Perray-Vaucluse, em Paris, Théodore Simon conseguiu elaborar um manual para professores de crianças atrasadas (Simon, 1924; 1927). O conjunto de testes propostos tinha como objetivo auxiliar os professores na adequação do ensino aos alunos com diversos graus de inteligência e de instrução, além de aperfeiçoar a integração deste público na sociedade.

Simon defendia a adoção de uma cartilha escolar a fim de melhor identificar os progressos, em cada uma das idades, ao longo da escolaridade das crianças. Defesa que ele trouxe quando foi convidado a dar um curso em Belo Horizonte, em 1929, na inauguração da Escola de Aperfeiçoamento de Professores (Bandeira de Melo, Freitas Campos & Gutierrez, 2016). Conhecendo a realidade das escolas hoje em dia, sabemos que essa cultura da medida e da testagem foi amplamente difundida. Ele preconizava, além da detecção da inteligência, o uso de testes de memória, de leitura, de escrita, de ortografia, de cálculo, de geografia, de desenho. A prática escolar foi transformada, com a realização regular desses testes, conhecidos também como provas, em uma nova área científica denominada Pedagogia Experimental.

Para além das instituições escolares, os médicos também adotaram cada vez mais o acompanhamento das medidas das crianças, haja vista as frequentes consultas pediátricas que consistem atualmente no acompanhamento das curvas do desenvolvimento físico das crianças. Por fim, a aplicação de testes de inteligência continua sendo uma etapa fundamental e inevitável para a identificação dos atrasos da inteligência. No Brasil, essa identificação fundamenta-se em testes padronizados para a análise da capacidade cognitiva, mas não antes dos 5 (cinco) anos de idade.

Para crianças com idade inferior a 5 anos que não atingiram os marcos do desenvolvimento esperados para a idade, são utilizadas atualmente, segundo a Portaria 21, de 25 de novembro de 2020, do Ministério da Saúde, que aprovou o protocolo para o diagnóstico das deficiências intelectuais, designações como “atraso global do desenvolvimento” ou “atraso do desenvolvimento neuropsicomotor” (Brasil, 2020). A Portaria tem caráter nacional, deve ser utilizada pelas Secretarias de Saúde dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e altera a noção de deficiência mental e retardo mental para deficiência intelectual (DI), que compreende “os fatores relacionados ao comportamento adaptativo e não apenas a capacidade cognitiva do indivíduo”.

Sobre o texto de Binet e Simon, de 1910, vale a pena frisar o que os dois falam sobre o diagnóstico em crianças. Eles desaconselham a adoção de um diagnóstico definitivo entre as crianças e acreditam na educação para minimizar déficits da inteligência. Dessa forma, eles defendem, diante de seus colegas psiquiatras, a adoção da categoria de atraso mental e orientam o uso do conceito de idade mental ao invés de dar um diagnóstico que poderia comprometer o futuro da criança e que poderia mudar ao longo do processo de escolarização. A melhor menção seria, segundo os dois: retardo mental com nível intelectual de X anos, enfatizando que o retardo observado poderia se transformar no processo de desenvolvimento, sobretudo a partir da escolarização.

Binet e Simon trabalharam com a noção de idade mental desde a concepção do famoso teste de inteligência Binet-Simon. Em 1912, o psicólogo alemão William Stern, da Universidade de Breslau, propôs a adoção do conceito de “quociente de inteligência”

(*Intelligenzquotient*), para definir a relação entre idade cronológica e idade mental ($IM/IC \times 100 = QI$) como método de pontuação para testes de inteligência. A escala métrica do desenvolvimento da inteligência, como era chamada por seus criadores, foi adaptada em vários países como uma abordagem científica para avaliar e medir os processos psicológicos superiores. O instrumento foi pensado para se diagnosticar a inferioridade intelectual, com promessas interessantes para aplicações pedagógicas e médicas. A dupla queria classificar o déficit intelectual com parâmetros sistematizados, uniformes e generalizáveis, evitando o uso de impressões vagas, subjetivas ou atreladas a simpatia ou antipatia ao sujeito avaliado.

Os franceses, em geral, adotavam um olhar clínico ao analisar o resultado dos testes (Pickren & Rutherford, 2010), aconselhando que os mesmos fossem considerados com base em outros elementos como habilidades linguísticas, capacidades para desempenhar tarefas, grau de instrução, idade e outras medidas físicas como altura e peso. Para Binet e Simon, era absolutamente necessário classificar os sujeitos de acordo com os serviços que ainda poderiam prestar, de acordo com as condições às quais poderiam se adaptar. Dessa maneira, eles não adotaram a noção de ineducável para nenhum dos grupos. Como eles mostram bem no texto de 1910, a autonomia dos sujeitos deveria ser considerada, dada a importância de tarefas simples como se vestir, arrumar a cama ou cuidar de sua higiene. Ou seja, falam não apenas em limitações, mas em potencialidades dos indivíduos, o que não se poderia conseguir tendo em conta a etiologia do atraso ou as possíveis lesões de que o sujeito atrasado seria portador.

Acrescenta-se ainda a função pedagógica dos testes. O instrumento serviria para treinar o olhar crítico e clínico dos professores e incentivá-los a observar e conhecer seus alunos. Em complemento aos testes, Binet e Simon desenvolveram a ortopedia mental para trabalhar com crianças atrasadas. O nome dos dois franceses se encontra atrelado ao teste de inteligência que eles conceberam, mas por outro lado, desconhece-se o uso que ambos faziam do instrumento. Em seu curso na Escola de Aperfeiçoamento de Professores, em Belo Horizonte, Theodore Simon criticou o que ele considerava como desvios do uso dos testes, para legitimar preconceitos ou práticas excludentes.

É necessário aprofundar o conhecimento dos trabalhos de ambos, em especial sobre Théodore Simon, pois se Alfred Binet é muito citado e considerado um dos psicólogos franceses mais famosos do mundo e um dos mais importantes pesquisadores de psicologia do século XX (Huteau & Lautrey, 1999; Wolf, 1961), graças à invenção da escala métrica de inteligência, pouco ou quase nada se fala de Simon. Os dois foram responsáveis não apenas pela criação do primeiro teste de inteligência, mas estavam interessados em transformar a prática médico-psicológica do diagnóstico das dificuldades intelectuais com a adoção de métodos científicos, em substituição a definições baseadas em impressões vagas e subjetivas, com definições pouco precisas, para uma prática experimental, objetiva e científica.

Referências

Bandeira de Melo, C. S., Freitas Campos, R. H. F., & Gutierrez, L. (2016). Théodore Simon: promoteur des tests psychologiques dans la formation des maîtres brésiliens (Belo Horizonte, 1929). *Penser l'éducation* (Mont Saint-Aignan, Presses Universitaires de Rouen et du Havre), 39, 9-22.

Brasil, Ministério da Saúde. (2020). Portaria conjunta nº 21, de 25 de novembro de 2020 que Aprova o Protocolo para o Diagnóstico Etiológico da Deficiência Intelectual. Brasília. Recuperado de <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/protocolos-clinicos-e-diretrizes-terapeuticas-pcdt/arquivos/2020/deficiencia-intelectual-protocolo-para-o-diagnostico-etilogico.pdf>

Huteau, M., & Lautrey, J. (2006). *Les tests d'intelligence*. Paris, France: la Découverte.

Melo, C. S. B., & Gutierrez, L. (2023). A promessa do mestre: a psicometria como ferramenta essencial para o desenvolvimento de práticas educativas e para a construção de uma pedagogia clínica experimental. *Cadernos de História da Educação*, 22, 1-15. Recuperado de <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/67571/35034>

Nicolas, S. (2004). *L'élaboration du premier test d'intelligence (1904-1905) - Œuvres choisies*. Torino: Editions L'Harmattan.

Nicolas, S., & Ferrand, L. (2011). La psychologie cognitive d'Alfred Binet. *L'Année psychologique*, 111, 87-116.

Nicolas, S., Andrieu, B., Croizet, J. C., Sanitioso, R. B., & Burman, J. T. (2013). Sick? Or slow? On the origins of intelligence as a psychological object. *Intelligence*, 41(5), 699-711.

Pickren, W., & Rutherford, A. (2010). *A History of Modern Psychology in Context* (1st ed.). Hoboken, NJ: Wiley.

Simon, Th. (1924). *Pédagogie Expérimentale: écriture - lecture - orthographe*. Paris: Librairie Armand Colin.

Simon, Th. (1927). *Tests d'intelligence et d'instruction: Tests individuelles et collectifs*. Semaine pédagogique à la Faculté des lettres de l'Université de Lyon. Paris: A. Colin.

Wolf, T. H. (1961). An individual who made a difference. *American Psychologist*, 16(5), 245-248.

Lista de Autores

Pesquisadores

Adrian Brock

PhD em psicologia pela York University em Toronto, Canada e atualmente aposentado, foi docente na Oglethorpe University in Atlanta, University College Dublin, Irlanda, e Universidade de Cape Town, África do Sul. Autor de inúmeros livros, artigos, análises, entre outros, tem uma vasta e importante obra para a história da psicologia.

André Elias Morelli Ribeiro

Docente no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e do programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ). É doutor em psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e coordenador do projeto Portal História da Psicologia, além de ser o editor da Editora do Portal História da Psicologia.

Carolina Silva Bandeira de Melo

Docente na Universidade Federal de Viçosa, é doutora pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), em cotutela com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Daniele Corrêa Ribeiro

Coordenadora do Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal Nise da Silveira, é historiadora e História das Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz.

Kurt Danziger

É considerado um dos maiores historiadores da psicologia, com uma vasta obra reconhecida internacionalmente e tida como central para o desenvolvimento do campo da história da psicologia. Atualmente está aposentado.

Maira Allucham Goulart Naves Trevisan Vasconcellos

Docente na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (UNIFAE), é doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Além de sua produção acadêmica, participa de várias Sociedades e Associações científicas no campo da história da psicologia.

Regina Helena de Freitas Campos

Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais, atua e atuou em vários programas de pós-graduação. Fundadora da Sociedade Brasileira de História da Psicologia, presidente do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Em 2018, recebeu prêmio do Conselho Federal de Psicologia por sua contribuição à construção da profissão de psicóloga no Brasil. Em 2020, foi contemplada com o *Career Achievement Award* concedido pela Society for the History of Psychology, Division 26 da American

Psychological Association, por sua contribuição à pesquisa em história da psicologia. Já publicou 72 artigos científicos, 65 capítulos de livro, e escreveu ou organizou 27 livros. Orientou até o presente 26 teses de doutorado e 23 dissertações de mestrado. É membro do Conselho Editorial dos periódicos *History of Psychology*, *Psicologia e Sociedade*, *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *Memorandum*, entre outros.

Wilma Fernandes Mascarenhas

Faz mestrado em história das ciências no programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ), atua no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, no Rio de Janeiro.

Discentes e Outros Colaboradores

Alessandra Costa de Souza

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anna Clara Domingues Cabral de Andrade

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Artur Medeiros Leite

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Clara Lyra Santos

Discente de psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo

Gabriel Siqueira Alves

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gunther Mafra Guimarães

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Isadora Melquiades Santos Costa

Discente de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Jessica de França Santana

Discente de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Júlia Fernandes da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Júlia Tavares Chahestian

Discente de psicologia na Universidade Federal de São Carlos

Kamilly Gomes da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Maria Clara Ribeiro Colli

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em
Rio das Ostras